

## O ENSINO DA ÉTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS TÉCNICOS DE ENFERMAGEM E OS DILEMAS NO MUNDO DO TRABALHO: REALIDADE OU UTOPIÁ?

<sup>1</sup> RAMOS, Flávia Regina Souza Ramos

<sup>2</sup> BORGES, Laurete Medeiros Borges

Nos primórdios da cultura ocidental, a Ética foi à primeira preocupação que motivou a reflexão sobre as relações e o significado da vida humana, consistindo no discernimento para encontrar, entre todos os interesses do indivíduo, do grupo, da nação e da humanidade, o critério de justa escolha. Ela não pode ser separada da experiência efetiva dos valores (**SILVA, 1993**).

Algumas questões inerentes à formação ética dos profissionais Técnicos de enfermagem realmente estão sendo discutidas ou são utópicas? Como os alunos que cursam o ensino técnico são preparados para lidar, na prática, com dilemas éticos? Estão desenvolvendo uma consciência a respeito do assunto ou estão refletindo apenas normativas aprendidas? Como a ética está se mostrando aos alunos dos cursos técnicos?

O ensino da ética, a partir da revisão de literatura, mostra-se incipiente na realidade da formação técnica contemporânea, atestando a pertinência do desenvolvimento de estudos sobre a temática.

Os profissionais da área de saúde devem conciliar, no seu exercício profissional, além da ciência e tecnologia, um sólido embasamento ético-moral. Um profissional competente é aquele que reúne qualificação científica, tecnológica e ética, ciente de que, frente a um dilema difícil, deve solicitar auxílio ao Comitê de Ética (**FRANCISCONI, GOLDIM e LOPES, 2002**). No entanto, há ainda evidências de um ensino profissionalizante dirigido por uma visão do técnico como mero “fazedor de tarefas”.

---

<sup>1</sup> Enfermeira, Pós Doutora em Enfermagem, professora Adjunto do Departamento de Enfermagem e do PEN da UFSC, líder do núcleo de pesquisa sobre Trabalho, Saúde, cidadania e sociedade, grupo (PRÁXIS).

<sup>2</sup> Enfermeira, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), docente do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina CEFET/SC, Membro do núcleo de estudos sobre Trabalho, Saúde, cidadania e sociedade, grupo (PRÁXIS). Rua Hermann Blumenau nº 95 apto 703, centro Florianópolis-SC, laurete@cefetsc.edu.br

A ética faz parte do currículo, como disciplina com conteúdos muitas vezes descontextualizados do contexto da prática real e que não permitem a criação de espaços para a reflexão necessária à decisão e condução competente, comprometida e responsável.

Pelo fato da ética envolver temas que mobilizam as pessoas e, também, implicar em conflitos e interesses diversos, muitos profissionais consideram-se aptos a discutir e a ensinar Bioética (**KIPPER, 2005**). Nos cursos profissionalizantes em Enfermagem no Brasil, as disciplinas de ética/bioética são das poucas para as quais não se exige uma qualificação específica do professor ou fundamentação teórica mínima que possa representar, antes de um bom senso individual, um bom senso comum, à luz de princípios e valores morais.

Mesmo sendo assumida a significância desta temática nos cursos profissionalizantes há uma ênfase nas questões técnicas em detrimento das discussões éticas que permeiam a vida do profissional. Quando as discussões são mobilizadas ainda centralizam-se no código de ética dos profissionais da Enfermagem, caracterizando um ensino de cunho deontológico, uma orientação prescritiva e normativa, restrita a um conjunto de normas e códigos trabalhados teórica e abstratamente (**GERMANO, 1993; GOMES, 1999**).

Com as mudanças tecnológicas do trabalho, frente a novas e crescentes necessidades sociais, os Técnicos de Enfermagem deparam-se com questões e dilemas que exigem preparo para agir sob novas bases, como a de uma estética da sensibilidade, como capacidade profissional que valoriza a diversidade de trabalhos e de clientes, estimula a criatividade e a ousadia. Mas o que observa-se é hesitação e despreparo dos alunos em lidar com situações de natureza ética/bioética no exercício de nossa profissão.

A busca de respostas aos novos desafios da contemporaneidade haverá de passar, não só pela reestruturação do aparelho formador, mas, particularmente, em identificar métodos de ensino que atendam às autênticas postulações da sociedade. O ensino da ética na formação profissional em saúde deve superar a visão deontológica e o modelo tradicional, caminhando para métodos participativos e críticos.

Tais questões geram um levante entre diferentes perspectivas que demonstram os conflitos ideológicos entre ciência, religião, tecnologia, ambiente e o mundo

do trabalho. Não bastam tão somente mudanças programáticas, mas é necessário repensar a própria função do aparelho formador como agente facilitador e promotor do desenvolvimento da capacidade. Já se evidencia a busca por propostas de ensino que, indo além da deontologia, da medicina legal e da ética profissional, contemple conteúdos e demandas relacionadas à bioética (**GARRAFA e PESSINI, 2003**). O objetivo maior da inclusão deste elemento curricular é a formação de profissionais conscientes da realidade do país e capazes de intervir de modo pró-ativo nos principais desafios emergentes no mundo do trabalho.

Como educadores comprometidos com uma sociedade democrática e com a inclusão dos cidadãos em todos os espaços sociais, temos o compromisso de participar do embate permanente que se explicita nas diferentes propostas, colaborando na construção contra-hegemônica de um projeto que resgate as questões éticas e políticas na perspectiva de um ensino técnico unitário, politécnico, de caráter público, preocupado com uma formação humana que desenvolva as múltiplas dimensões do ser humano, com necessidades materiais, afetivas, culturais, estéticas (**FRIGOTTO, 1998**).

A luta coletiva ainda pode ser um espaço bastante profícuo para a defesa de um projeto de formação voltado para as necessidades de saúde da população, contemplando as múltiplas dimensões do conhecimento - técnico-científicas, éticas, políticas, sociais e culturais. Tarefa nada fácil mas que deveria envolver todos educadores que participam deste trabalho.

O estudo de novas temáticas e discussões com o surgimento da Bioética como Ética Prática, pode propiciar ao aluno o desenvolvimento da visão crítica sobre a pluralidade de valores que permeiam as relações em Saúde. As Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem (CNE/ME/BR) reforçam essa perspectiva ao enfatizar a importância de conhecimentos em ética e bioética para a formação generalista do futuro profissional de Enfermagem (**RIBEIRO, 2007**).

Sendo assim, capacitar os alunos na percepção das questões e dilemas que envolvem seu segmento e o conjunto do trabalho coletivo torna-se uma obrigação das instituições de ensino, devido seu caráter preparatório das gerações futuras de uma sociedade. A educação ética embasada somente em discussões conceituais não é suficiente para formar os profissionais que o

momento atual exige. Um novo paradigma em saúde se estabeleceu na América Latina e tem-se discutido intensivamente a necessidade de mudança nas metodologias de formação dos profissionais da saúde. O indivíduo precisa não só se tornar capaz de conviver em uma sociedade pluralista e democrática, buscando estabelecer e favorecer relações mais justas na sociedade, mas, ao mesmo tempo também, ser capaz de raciocinar de forma autônoma ( **REGO, 2003**).

A ocorrência de dilemas nas diferentes ações e relações entre sujeitos diferenciados (indivíduos, população, trabalhadores) na atenção à saúde tem provocado inúmeras reflexões, tratadas majoritariamente sob a ótica da Bioética Clínica, mas não limitadas a ela. Por esta via, destaca-se a situação real na qual duas abordagens são possíveis e defensáveis tecnicamente, existindo dúvidas quanto a adequação moral de cada escolha. No entanto, são claros os limites da abordagem dilemática e clínica quando a bioética impõe, cada vez mais, perspectivas pluralistas, laicas e comprometidas com as necessidades da maioria, elegendo temas como os das desigualdades, da justiça e do poder. Às instituições de ensino, que há décadas formataram currículos pautados na eficácia, na produtividade e na rentabilidade das profissões, cabe uma ação de resgate de valores humanos, relacionais e éticos.

Palavras-chave: trabalho, ética , ensino, dilemas, técnicos de enfermagem.

Relações de trabalho: ética e subjetividade.

## REFERÊNCIAS

FRANCISCONI, C. F., GOLDIM, J. R., LOPES, M. H. I. O papel dos Comitês de Bioética na humanização da assistência à saúde. *Revista Bioética*, v. 10, n. 2, p. 147-157, 2002.

FRIGOTTO G. A educação e formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In: Silva LH, organizadores. *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes; 1998. p. 218-38.

GARRAFA, V.; PESSINI, L. *Bioética: Poder e Injustiça*. Editora Loyola, Brasília, p. 522, 2003.

GERMANO R.M. A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Cortez; 1993.

GOMES PC. Ética e enfermagem: relações ou reações? [Tese Doutorado ]. São Paulo: Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo; 1999.

KIPPER DJ. Docentes de bioética: critérios de certificação e qualificação. In: 6º. Congresso Brasileiro de Bioética, 2005, Foz do Iguaçu. Anais. São Paulo: Loyola ; 2005. p. 20.

REGO S. A formação ética dos médicos, saindo da adolescência com a vida ( dos outros ), Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003.

RIBEIRO, C. R. O, A contribuição da área de Filosofia, Ética e Bioética na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, on-line *Brazilian Journal of Nursing* (objn-issn 1676-4285) [on-line], dezembro 2007.

SILVA, F. L. Breve Panorama Histórico da Ética. *Revista Bioética*, Título: Bioética, v. 1, nº. 1, p. 7 – 11, 1993.